A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 2 | 8 DE JANEIRO | 1893

A RAINHA

(CHRONICA MADRILENA)

CHRISTOVAM Colombo, maritimo, casado em Lisboa na freguezia de Santos, hospede do sr. Agostinho de Ornellas na ilha da Madeira, socio da Sociedade de Geographia, succedeu-lhe um dia descobrir a America, e assim principiou a festa.

Por esse euphemismo *descobriu a America*, se deve entender unicamente que o que elle fez foi ir lá. Emquanto a descobril-a, a verdade é que a America nunca esteve — como por exemplo a nossa ameixa de Elvas — coberta. Pela regra por que D. Christovam a descobriu, tambem o primeiro americano que veiu á Europa descobriu a Europa, e não ha ninguem que na sua classe, mais ou menos, não tenha descoberto alguma coisa... Não asedemos, porém, o debate com reivindicações pungentes, posto que justificadas, e narremos com serenidade os acontecimentos.

Com o pretexto de que elle a descobriu, fez-se-lhe um centenario. Bosch, o malogrado alcaide, gisou as festas. Forasteiros vieram. Hoteis subiram preços. Chuva cahia. Pesetas falsas circulavam. Colombo, ás vitrines de todas as confeitarias, appareceu em alcorce na attitude de quem a descobre, isto é, com um pé á frente, a mão direita em assucar, levantada aos ceus. E os que comeram d'elle tiveram cólicas. Grupos de provincianos, de gôrra encarnada e medalha ao peito, passavam tossindo por baixo de gotejantes chapeus de chuva, e eram os orphéons. Lamentaveis estudiantinas em traje escolar do seculo XVII, colher de pau no chapeu de dois bicos, tacões tortos pateando o lamaçal, eram a mocidade estudiosa. Perante Bosch, constituido em jury de exame, pilhos em folga e mendigos em villegiatura prorompiam em saltos de tigre e em uivos de chacal, para o fim de serem contratados como feras do matto virgem na cavalgata historica, emquanto no congresso dos espiritistas a alma do centenariado estrebuxava por todos os pés de mesas, perguntando avida por seu sobrinho o duque de Veragua, para desengano de incrédulos nas relações telephonicas do homem com o incognoscivel.

Saturado de gosos tão intensos e tão capitósos, o povo de Madrid, certa noite em que lhe foi propinado, como cumulo de sardanapalismo municipal, um coreto com duas bandas de musica, assobiou as festas, quebrou os candieiros das ruas, e juntamente com o coreto deitou abaixo o alcaide da cidade.

Poucos dias depois, os periodicos da noite annunciavam que na manhã seguinte chegariam á estação das Delicias os reis de Portugal. O povo foi vêr com uma curiosidade amortecida, como iria ouvir mais uma vez a banda mexicana ou o *Eco de la Coruña*.

Ha quatro seculos — pois que foi no fim do seculo XV — veiu pela primeira vez a Castella a côrte de Portugal. De modo que a actual visita regia parecia a celebração de mais um centenario da Renascença peninsular. O soberano portuguez era então esse magnificente e afortunado rei D. Manuel, que nunca jantava sem musica, e nunca se vestia sem uma nova peça de roupa no seu traje. Essa excursão foi minudentemente narrada pelo meu velho amigo Garcia de Resende, grande homem de letras e de mundo, estilista insigne e insigne delineador d'essas pomposas festas de côrte, que elle

tanto se comprazia em descrever como chronista, depois de as haver realisado como decorador.

Que differença, Deus do ceu, entre o incomparavel explendor portuguez e hespanhol d'essa época, e a modestia de nossos destingidos e apagados dias!

Com um *pequeno sequito* — por assim lh'o haverem pedido os soberanos de Castella — os reis portuguezes traziam outr'ora *apenas* comsigo uns cem fidalgos, os officiaes de sua casa, os cantores da real capella, as charamellas, os correspondentes creados com uma bagagem enorme de baixella, tapeçarias e brocados, tresentos ginetes ajaezados de velludo e ouro, e as mais bem ataviadas azemolas que se podiam vêr.

O primeiro fidalgo que em territorio hespanhol sahiu então ao encontro do soberano portuguez foi o duque de Medina Sidonia, apercebido com a sua baixella de ouro, em que tinha de comer a côrte portugueza, precedido de vinte e quatro charamelleiros tangendo trombetas de prata, seguido de trezentos cavallos montados por creados e por caçadores da sua libré, de luvas de anta e falcão no pulso.

O rei de Castella esperou o de Portugal acompanhado de prelados e grandes do reino, com trinta mil cavallos, todos de lobas e capellos, indo na frente os mestres salas, porteiros de maça, reis d'armas, trombetas e atambores.

Agora uns oito landeaus burguezes levaram do caminho de ferro ao Palacio Real todo o sequito dos monarchas dos dois gloriosos reinos da Peninsula. E de toda a incomparavel riqueza da pompa antiga, apenas o refulgente azul do ceu outomnal de Madrid, e ao longo das ruas, pelos passeios, pelas janellas, pelos balcões das casas, a gala imperecivel e soberba da *mirada* hespanhola nos olhos embandeirados d'essas mulheres, de quem o meu confrade Resende escreveu a phrase, que tenho de cór e humildemente subscrevo: *Mulheres formosas eram tantas que não sabia homem onde puzesse os olhos.*

Sómente no seculo XV, em meio de tanto apparato de grandezas, a rainha de Portugal morria em Castella, sendo enterrada a occultas, levando-a de caixão á cova quatro padres, de noite, por uma porta de serviço, deitada fóra á pressa como um trapo inutil e repulsivo.

No seculo XIX, em tão modesta condição de fortuna, a rainha do mesmo paiz, agora empobrecido, arruinado, quasi expungido da historia, recebe, n'uma explosão de regosijo publico, a mais grande, a mais expontanea, a mais unanime ovação a que jámais poderia aspirar a cobiça de uma soberana.

Aquillo que Bosch e todo o *ayuntamiento* de Madrid não haviam podido obter no mais laborioso programma de festejos, conseguiu-o esta senhora com o simples trabalho de chegar.

Ella olhou com sympathia, sorriu com bondade ao povo, e uma cidade inteira se poz de gala para lh'o agradecer. Todo Madrid sahiu á rua para a vêr, e era uma festa publica o prazer de a acclamar.

Á consorte do tão poderoso rei D. Manuel, rodeada de lanças, despedaçaram n'um motim popular o paleo, debaixo do qual ella entrou em Toledo, montada na sua mula branca. Na passagem da esposa do sr. D. Carlos, guardada unicamente pelo povo, só em Castella se levantaram mãos para lhe dar palmas e para lhe atirar flores. Porque a uma rainha que domina pela força dos exercitos, todo o hespanhol se julga no direito de resistir; a uma rainha que domina pela força da sympathia, todo o hespanhol, qualquer que seja a sua condição, qualquer que seja a sua politica, se julga na obrigação cavalleirosa de se render.

Na tarde em que a Senhora D. Amelia foi vêr correr touros na praça de Madrid, Lagartijo, offerecendo-lhe a morte do primeiro boi, dobrou o joelho para lhe falar. Um trovão de palmas saudou então o velho espada. De joelho em terra, a cabeça branca descoberta, vestido de azul e ouro, Lagartijo merecia bem os applausos que se lhe tributavam, porque elle era então o legitimo interprete de todo um povo, obedecendo á ordenança da antiga etiqueta castelhana, para saudar uma estrangeira, joven e bella, pela qual cada um, como pela sua dama, empunharia uma espada e arriscaria a vida.

Quando a um catholico hespanhol se pergunta por que razão espiritual um simples sorriso de mulher tão avassalante prestigio exerce sobre tantos corações juntos, o compatriota de Santa Thereza explica: que o sorriso que tanto póde é a flôr immortal de uma planta divina, que se chama a Bondade.

Madrid, 4 de Dezembro de 1892.

RAMALHO ORTIGÃO.

No proximo numero, o medalhão de S. M. A Rainha Sr.ª D. Maria Pia. Artigo de Sousa Martins.

POLITICA SEM POLITICA

O caso politico da semana é a abertura do parlamento e o discurso da Corôa.

Não se alongará este anno a sessão. As funcções da representação popular são *gratis*, e assim, exgotadas as curiosidades do principio, mais de um deputado anceiará em dar por concluida, o mais depressa possivel, a *corvée* legislativa. De resto, se os srs. deputados aproveitarem bem o seu tempo, chegará para muita coisa, e o paiz terá ensejo de lhes agradecer simultaneamente — a utilidade por uma parte, e a promptidão por outra.

Esto brevis et placebis — disse Virgilio. E se os nossos Ciceros da *ordem do dia* e de *antes da ordem* o quizerem ter em vista, lograrão, na prosecução d'essa sympathica divisa, o mais seguro penhor de que os seus discursos alcançarão o agrado e applauso, a um tempo do paiz e do proprio sr.

José Dias, que não parece estar muito para ociosas conversas.

*

Quanto ao *Discurso da Corôa*, pobre Corôa! Que cousas mediocres, antistylicas e desgrammaticaes lhe continuam a fazer dizer! É bem certo que esse discurso annual não deixa de ser um dos espinhos, que se entremeiam nos florões da corôa real.

Mas d'esta vez, a outros reparos communs, alguns teem juntado a vehemente increpação do governo haver faltado á verdade, fallando das *eleições livres* a que presidira.

Não é justa a censura. A prova é que nunca o numero de eleições remettidas ao tribunal foi tão consideravel.

O que manifestamente tende,—só gente de má fé o poderá pôr em duvida — á demonstração de que, effectivamente, as eleições foram mais do que nunca — *eleições livres... de legalidade.*

Impoliticus.

UM PEQUENO ROMANCE

A quem em Vizella, logo de manhã cedo, vae para o banho, não póde passar desapercebida uma rapariga dos seus dezoito annos mal contados, que alli adeante, á esquina da botica, sentada no granito do passeio, vende chapeus de palha, que ella propria, n'um labôr incessante, continuamente fabrica. N'esse pequeno e animado recanto, onde outras mulheres vendem em redondos açafates saborosas donas Joaquinas—afamadas peras do Douro — e em cestos, forrados de brancas toalhas de grosso linho, alvo pão de trigo, é a delicada figura da rapariguita dos chapeus, que, com o seu ar d'uma melancholia estranha, destaca pelo contraste do seu calmo socego com a grita azafamada das vendedeiras em redor.

Com o mólho das palhas de centeio humedecidas, entalado debaixo do braço esquerdo, vae compondo sem desviar os olhos do trabalho, a comprida trança de onze pernas, que achatada entre os dedos, se lhe vae enrolando no braço, á medida que vae crescendo. Enquadra-lhe a perfeita oval do rosto um lenço de chita amarello e desbotado; os cabellos louros e crespos accendem, com os seus fulvos tons d'oiro vivo, uns restos de frescura na passada côr do lenço; é pallida, d'uma pallidez doentia que nos faz pensar na morte escura; os seus olhos. verdes e claros, brilham frouxamente do fundo das pisadas olheiras que os cavam; o collete minhoto, de cutim, sem barbas, aperta-lhe carinhosamente o busto fino, pondo em evidencia, sob a camisa de estopa, o timido relevo gracioso dos seus pequeninos seios virginaes.

Junto a si, sobre o pequeno e tosco banco de madeira, tem a alta ruma dos chapeus já feitos.

Se um freguez se acerca d'ella, ergue então os lindos olhos pisados, e só interrompe a sua trança para receber na palma da mão os magros cobres porque vende os seus chapeus.

A tarde, quando esse recanto mais se anima e as doceiras chegam com os taboleiros de rebuçados, e apparece o dentista d'aldeia, que é ao mesmo tempo pedicuro, com o seu rosario de dentes passado a tiracollo, abancando tambem ao lado, dispondo sobre uma velha mesa de cosinha uma cadeira de pau enfraldada em panninho vermelho, sobre que destacam, enfileirados sobre um quadrado de cartão, nojentos callos phenomenaes, extirpados a gretados pés de lavradores — em vez da rapariga, é então a mãe, envelhecida pelos rudes trabalhos do campo, que occupa o seu logar.

A filha foge talvez ao reboliço da estrada, essa larga fita desegualmente bordada de predios abrasileirados, onde de preferencia passeia n'um vae-vem continuado a chusma de banhistas, pobres e tocadores.

Mendigos, aleijados e andrajosos, arrastam-se pedindo esmola n'uma cantilena arripiante; cegos com a cabeça erguida, á busca da luz que de todo lhes fugiu, passam guiados pela mão de miseras creanças; a mulher da harpa e o homem da rabeca, cegas de viola, gallegas de pandeiro com as curtas tranças cahidas atadas na ponta, levam atraz de si ondas de basbaques, que pasmam e fazem roda logo que a desafinada musica principia; ás portas dos hoteis organisam-se em grande grita as alegres burricadas; raras carruagens de luxo, com os cocheiros abafados em fartos sobretudos brancos por um calor de rachar, passeiam banhistas venturosos, que ha vinte annos assombram a provincia com o luxo das mesmas equipagens; creanças lindas, alegres e felizes, abrigadas por grandes chapeus de palha, correm na frente das mamans ou dos creados; outras, enfesadas e rachiticas, ou já tolhidas de rheumatico, pobres seres que entram na vida pela larga porta do soffrimento e da dôr, por onde todos nós velhos, um dia teremos de sahir, vão nos carros de doentes abafadas, com o seu arsinho triste d'uma melancholia profunda; lavradores e lavradeiras que recolhem do banho da tarde caminham lentamente, agasalhados nos lençóes de banho e nas saias de flanella escura que póem á cabeça; um doido, com a sua cabeça d'apostolo de retabulo de egreja, inoffensivo apesar do forte cacete com que bate no chão as longas e lentas passadas, é seguido pelo rapazio, que ás furtadellas lhe puxa pelas abas do casaco esfrangalhado; brazileirinhas de olhar languido, vestidas ainda na rua do Ouvidor, calquinham com os seus sapatos amarellos a poeira da estrada, amparadas a finos varapaus ferrados; os papás, ventrudos e com ricos brilhantes no peitilho da camisa, vão deitando para o ar fumaradas de charuto e de importancia, crusando, desdenhosos, garotos calçados em chinellas, filhos de pequenos lavradores remediados, que d'aqui a vinte annos, passearão tambem por este Minho risonho,—se a febre amarella os não levar a breca,— as suas bellas apolices e a rica commenda de Christo!

E é positivamente este confuso rumor de romaria que a rapariguita dos chapeus evita, fugindo para longe. Para onde? Quantas vezes passando junto ao cemiterio, que em declive, vem morrer na estrada, alegre e risonho, com os seus muros caiados, ou então da ponte, olhando o fundo valle assombreado, fizemos a nós mesmo esta pergunta?

*

Hontem á tarde, descendo ao banho mourisco, e de lá seguindo sempre o rio, á sombra de bellas arvores — carvalhos, que as vides viçosas abraçam; esguios freixos enramilhetados no alto; amieiros finamente recortados; tristes salgueiros de folha miudinha; raros castanheiros d'onde agora, ao menor sopro da aragem, cahem as candeias como grandes lagrimas douradas — pisando sobre a relva fresca mimosas flôres sylvestres e escutando enleiados a festiva musica dos passaros, caminhavamos sonhando, quando, de repente, do outro lado, um canto triste, como o d'uma alma penada, se elevou vibrante, fazendo calar nos ramos as timidas toutinegras e na nossa alma esvair-se como fumo o inexplicavel, indefinivel enlevo, que a nossa phantasia ia acalentando. Sentada sobre umas pedras, mais pallida do que nunca, e compondo a interminavel trança, era ella que soltava em notas crystallinas os fundos, magoados, gemidos do seu dilacerado coração, não despegando os olhos da corrente, que corria mansa e limpida, beijando junto ás margens as verdes frondes dos fetos.

Quasi ao mesmo tempo, d'entre os milharaes da margem onde estavamos, a voz roufenha de um homem gritou imperativamente:

— Eh! rapariga, basta hoje da maluqueira do rio; é saltar á bouça e recolher o gado, que vão sendo horas.

A voz da rapariga estrangulou-se-lhe na garganta; levantou-se, e, sempre fazendo a sua trança, foi subindo vagarosamente a encosta. As toutinegras recomeçaram nos ramos, contentes, a cantar. O homem, um pouco adeante seguia o mesmo trilho que eu ia seguindo. Apressei o passo, chegámos juntos ao portêllo.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.

— Para sempre seja louvado, — respondi; e logo, sem mais rodeios, perguntei-lhe se a moça era sua creada.

— É minha filha e tem sido os meus peccados, senhor.

— Os seus peccados?!

Então, trocando os *vv* pelos *bb*, explicou-me na sua linguagem pittoresca, que, haveria uns bons dez annos, pelo inverno, guardando ella os bois com um rapazote da mesma edade, que era seu creado, alli por aquelle mesmo sitio, o rapaz cahira ao rio e fôra encontrado morto perto do açude da azenha. Desde aquelle dia, a rapariga sempre que podia fugia de casa, e, a modos apatétada, ficava horas inteiras sentada n'aquellas pedras a olhar para o rio

— Por mais bordoada que lhe dei, não me foi possivel arrancar-lhe essa manha do corpo: aquella, senhor, vae de palmito á cova!

Estavamos perto das poldras, os bois bebiam socegadamente, levantando de vez em quando as bondosas cabeças para o ar parado e calmo; ella, a meio do rio sobre uma pedra, com o molho das palhas de centeio humedecidas entalado debaixo do braço esquerdo, compunha, sem desviar os olhos da corrente, a comprida trança de onze pernas, que achatada entre os dedos, se lhe enrolava no braço á medida que crescia!...

Bernardo Pinheiro de Pindella.

CHRONICA ELEGANTE

Um dos mais sympathicos e mais espirituosos diplomatas que ultimamente estiveram entre nós, Monsieur de Fonton, não perdia nunca ensejo de elogiar este paiz, e tanto amor lhe consagrava que muitas vezes chegava a converter os seus defeitos em preciosas qualidades.

Assim era que o facto de ser restricta a nossa sociedade elegante e de ser bastante resumido o numero das suas festas, constituia para o illustre diplomata russo uma das causas que mais o prendiam a Portugal.

Estivera elle, quando moço, a exercer as funcções de secretario da embaixada em Paris. Era no tempo glorioso do imperio. Repetiam-se ali os banquetes e os bailes com uma animação e uma sumptuosidade extraordinarias; e assim acontecia a quem frequentasse os explendidos salões aristocraticos do *faubourg de Saint Germain* receber para o memo dia convites para tres jantares e outros tantos convites para bailes. Como os banquetes eram para a mesma hora, não podia o convidado assistir a todos, ainda que o seu estomago tivesse as dimensões do de Pantagruel. Tinha de optar por um. O mesmo, porém, lhe não succedia com os bailes, onde se chega sempre a horas, desde que se accendem os lustres até que soam os compassos da ultima valsa. Era, pois, forçado o nosso amigo a entrar n'um baile, ao cabo de alguns minutos a partir para outro, e assim successivamente, até completar a peregrinação que as etiquetas mundanas lhe exigiam.

— Aquillo não era um prazer; era uma *corvée!* — dizia elle.

O mesmo lhe não succedia entre nós. Os Amphytriões são poucos, e é muito limitado o numero dos convivas.

É por isso que não podia deixar de acontecer o facto que se deu, durante a semana, e que a chronica tem de registar.

A abertura do theatro de S. Carlos e a abertura do Parlamento contribuiram para que se suspendessem algumas recepções, com que a nossa sociedade elegante tinha inaugurado a epocha de inverno.

Os animados *five-ó-clock-tea* da sr.ª Viscondessa de Taveiro e os distinctos *raouts* da sr.ª Condessa de Valbom não se realisaram na ultima segunda-feira.

A abertura das camaras attrahiu a concorrencia official do costume; e, como na ceremonia comparece a augusta pessoa de Sua Magestade a Rainha, muitas senhoras da côrte e do corpo diplomatico tiveram de assistir á solemnidade. O espectaculo de gala, que na noite d'esse mesmo dia festivo se realisou no theatro de S. Carlos, fez tambem com que a sr.ª Condessa de Valbom interrompesse as suas recepções de segunda-feira.

A chronica tem, pois, de se resumir hoje ao que se passou no theatro de S. Carlos, que foi onde durante as recitas da semana se deu o *rendez-vous* da nossa sociedade elegante.

Quando se realisa a primeira recita do theatro lyrico, os frequentadores da plateia, antes de se ouvir a symphonia da opera, costumam verificar se nos camarotes apparece alguma figura nova. E, finda a minuciosa observação, exclamam quasi sempre:

— A mesma gente da epocha passada!

Não lhes succedeu o mesmo na recita par d'este anno. N'um dos camarotes de primeira ordem appareceram d'esta vez duas senhoras, que os nossos *diletanti* não conheciam ainda.

Tiveram a surpreza que deve ter o astronomo quando entre as constellações já conhecidas descobre dois astros novos. As duas elegantes senhoras eram Madame de Veraeghe, esposa do ministro da Belgica, e Madame Vianna de Lima, esposa do ministro do Brazil.

Madame Veraeghe é natural da Grecia. Que admira, pois, que seja formosa quem nasceu na mesma patria em que cantou Homero e em que viveram as mulheres que inspiraram o pincel de Zeuxis e deram origem ao retrato de Helena?

Madame Vianna de Lima é peruviana. Não póde negar a origem da raça. Na correcção esculptural das formas, na encantadora expressão da phisionomia, no brilho do olhar e na animação da conversa, em que por vezes transparece um

FOLHETIM

CARTAS
DE
CARLOS A JOANNINHA

II

Laura não era alta nem baixa, era forte sem ser gorda, e delicada sem magreza. Os olhos de um côr-de-avelan diaphano, puro, avellu dado, grandes, vivos, cheios de tal magestade quando se iravam, de tal doçura quando se abrandavam, que é difficil dizer quando eram mais bellos. O cabello quasi da mesma côr tinha, demais, um reflexo doirado, vacillante, que ao sol resplandecia, ou antes, relampejava, — mas a espaços, não era sempre, nem em todas as posições da cabeça: — cabeça pequena, modelada no mais classico da statuaria antiga, poisada sobre um collo de immensa nobreza, que harmonisava com a perfeição das linhas dos hombros.

A cintura breve e estreita, mas sem exaggeração, via-se que o era assim por natureza e sem a menor contrafeição d'arte. O pé não tinha as exiguidades fabulosas da nossa peninsula, era proporcionado como o da Venus de Medicis.

Tenho visto muita mulher mais bella, algumas mais adoraveis, nenhuma tão fascinante.

Fascinante é a palavra para ella.

O rosto oval e perfeitamente symetrico, pallido; só os beiços eram vermelhos como a rosa de côr mais viva.

A expressão de toda esta figura é que se não descreve. A bocca breve e fina sorria pouco; mas quando sorria, oh!...

Vêl-a n'um baile, vestida e calçada de branco, cingida com um cinto de vidrilhos pretos — toilette inalteravel para ella desde certa epocha — sem mais ornato, sem mais flôres, apenas um farto fio de perolas derramando-se-lhe pelo collo — era vêr alguma cousa de superior, de mais sublime que uma simples mulher.

Tal era Laura, Laura que eu amei quanto podia e sabia amar. Era pouco, sei-o agora; então parecia-me infinito.

Disse-lh'o a ella, disse lh'o um dia que passeavamos sós, e depois de andarmos horas e horas esquecidas, sem trocar uma phrase. Pensavamos, eu n'ella, ella não sei em quê.

Seria em mim?

Seria, mas não m'o confessou.

E ouviu-me sem dizer palavra, sem olhar para mim uma só vez, sem fugir com a mão que lhe eu apertava, que lhe beijava, e que sentia fria e humida nas minhas que escaldavam.

Era tarde, dirigimo-n'os para casa. Á porta disse-me: «Não entre;» e vi-a banhada em lagrimas. Quiz seguil-a, fez-me um gesto imperioso que me confundiu. Pela primeira vez, depois de tanto tempo, fui só, triste e melancholico para a minha pobre habitação, onde passei a noite.

Quando era madrugada quiz-me deitar. Não dormi.

ligeiro assômo de risonha e graciosa ironia, está-se vendo a andaluza que passa por entre os frondosos e perfumados laranjaes do Guadalquivir!

São estas duas senhoras que este anno frequentam pela primeira vez o theatro de S. Carlos. E a sua apparição produziu, como não podia deixar de ser, uma agradavel impressão em toda a sala.

Falamos hoje do theatro, falaremos no proximo numero dos salões.

GRAZIEL.

Anniversarios da semana

Domingo 8 — As sr.as: Condessa da Ponte, D. Leocadia da Guerra Quaresma, D. Christina Paes, D. Angelina Troni, D. Maria da Piedade Ribeiro, D. Maria Luiza Lobo d'Avila, D. Maria Candida de Sousa Feyo (Boa Vista).

E os srs.:

Duque de Palmella, Conde de Margaride, D. Jeronymo de Sousa Sanches de Baena e Farinha, Francisco Alves da Silva Taborda.

Segunda-feira 9 — As sr.as: D. Leonilde Plantier, D. Maria Henriqueta da Matta e Silva, D. Carolina Augusta da Costa Peil, D. Herminia Luiza de Andrade Corvo, D. Maria do Ceu Bagulho Tierno.

E os srs.:

João Malheiros de Sousa Menezes, Francisco José Patricio, Julio Hilario Pereira Alves, Antonio José Montenegro Teixeira.

Terça-feira 10—As sr.as: D. Isabel da Silva Luz (Coruche), D. Maria José de Noronha (Angeja), D. Maria da Conceição Brito Peyssoneau, D. Maria do Carmo Faria Palha, D. Maria José da Rocha Cabral de Quadros, D. Maria da Gloria de Pina Manique, D. Bertha Calderon, D. Emilia Angelica Vieira de Castro, D. Guilhermina Amelia Prostes Leão Cabreira (Faro), D. Leonarda Mattos Correia Tavares de Almeida.

E os srs.:

Conselheiro José Joaquim de Andrada Pinto, Ignacio Pedro de Quintella Emauz, Gaspar Augusto Falcão Cotta e Menezes, Julio Cardoso Pereira.

Quarta-feira 11—As sr.as: D. Maria do Sacramento Daun e Lorena, D. Eugenia Henriques Alves Valdez, D. Christina Saraiva Burel, D. Maria Rita de Garção Noronha Feio.

E os srs.:

Visconde de Balsemão, Visconde de Chancelleiros, Francisco Correia Leotte, José Braamcamp Mattos Fernandes

Quinta-feira 12—As sr.as: Viscondessa da Ribeira de Alijó, D. Maria Izabel Navarro d'Andrade Machado, D. Maria Beatriz de Freitas Netto, D. Carolina Ornellas (Calçada), D. Elisa Ernestina dos Santos, D. Esperança Alves Teixeira.

E os srs.:

Francisco de Paula Sousa Coutinho, Antonio Augusto de Chaby, Arthur Lobo.

Sexta-feira 13—As sr.as: Condessa de Penalva d'Alva, D. Maria Adelaide d'Almeida Garrett Guimarães, D. Maria Carolina Folque Possolo, D. Maria Antonia Gorjão Infante, D. Maria do Carmo Palha de Faria Lacerda, D. Maria Eugenia Perestrello, D. Maria da Piedade de Lemos Pereira de Sá de Lacerda Sant'Iago, D. Luiza Emilia Barreiros Salema.

E os srs.:

Conselheiro Augusto Cesar Barjona de Freitas, Dr. Cypriano José de Simas, Dr. João Vicente Barros da Fonseca, Carlos Bandeira de Mello, Joaquim Ornellas de Mattos, José Augusto da Gama, Eduardo Ulrich Cardoso.

Sabbado 14—As sr.as: Viscondessa de Portalegre, D. Marianna Carlota Quintella da Cunha Menezes, D. Rosa Amelia Branco Bastos, D. Amelia Cesar da Cunha Seixas, D. Marianna Alves Ribeiro da Silva, D. Fortunata de Andrade Ferreira.

E os srs.:

Visconde de S. Torquato, Dr. Antonio Maria de Carvalho (Chancelleiros), Ignacio Rebello de Andrade, João da Costa Carvalho Taloni, Joaquim Osorio de Albuquerque e Castro.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

MANEIRA DE TER BONS CREADOS

Eis como a tal respeito se exprime a Baroneza Staafe:

É sempre possivel a um bom patrão formar um bom creado. Quantos creados, aliás excellentes, teem contrahido vicios só pelo convivio de maus patrões!

Um bom patrão não deve nunca persuadir-se de que na essencia é differente dos seus servos; de que o dinheiro e outros favores da sorte

---

No dia seguinte recebi uma carta de Julia: assim se chamava a mais velha, a mais sensivel e a mais carinhosa das tres irmãs.

O bilhete parecia indifferente; não continha senão palavras usuaes, pedia-me que fosse almoçar com ella... não fallava nas irmãs.

Senti que era chegada a minha hora, pareceu-me que ia ser expulso d'aquelle Eden de innocencia em que tinha vivido. A lettra de Julia, uma lettra linda, perfeita, natural, figurava-se me um aggregado de signaes caballisticos terriveis que encerravam o mysterio da minha condemnação.

Vesti-me, fui, achei-me só com Julia, no *parlour* elegante de seu exclusivo uso.

Era um pequeno gabinete de estado, ornado sómente de umas *étagères* com livros e musicas, uma harpa e um cavallete.

Sobre o cavallete estava o meu retrato esboçado, na estante da harpa uma romança franceza a que eu tinha feito lettras portuguezas...

A urna assoviava sobre a mesa, Julia fazia o chá e não parecia attender a mais nada.

É preciso que eu te descreva a pequena Julia — Julieta como nós lhe chamavamos — nós, as duas irmãs e eu que rivalisavamos a qual lhe havia de querer mais...

Oh! que saudade e que remorso para toda a minha vida n'estas recordações de fraternal intimidade!

Julia era pequena, delicadissima, propriamente infantina no rosto, na figura, na expressão e no habito de toda a sua encantadora e diminutiva pessoa.

Nenhuma ingleza, desde o tempo da rainha Bess, teve pé e *ancle* mais delicado. Nenhuma, desde o rei Alfredo, se occupou tão elegantemente dos elegantes cuidados de um interior britannico — gentil quadro «de genero» como não ha outro.

Lady Julia R. era a mais pequena e a mais bonita subdita britannica que eu creio que tenha existido.

Vista á lua, no meio do seu parque, volteiando por entre os raros exoticos que no curto verão inglez se expõem ao ar livre, facilmente se tomava pela bella soberana das fadas realisando aquella preciosa visão de Shakespeare, o «Midsumer night's dream.»

Seus olhos de azul celeste, sempre humidos e sempre doces, os cabellos de um claro e assedado castanho todos soltos em anneis á roda da cabeça e cahindo pelos hombros, espalhando-se pelo rosto, que era uma lida contínua para os tirar dos olhos, um corpo airoso, uma bocca de beijar, os dentes miudos, alvissimos e apertados, a mão pequena, estreita, e de cera — tudo isto fazia de Julia um typo ideal de bondade, de candura, de innocencia angelica.

E era um anjo... oh se era!

Contemplei-a muito tempo em silencio: ella sorria-me tristemente de vez em quando, mas não fallava. Emfim almoçámos, levaram o trem.

Ella disse á sua aia:

—Phebe, eu estou só com Carlos; e quero estar só. Em casa para ninguem.

—Sim, minha senhora. Resposta obrigada do creado inglez a tudo.

E ficámos sós completamente.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

lhe dão superioridade; de que aquelles que lhe sacrificam o tempo e lhe fazem serviços, de que elle não prescinde, são seres inferiores, sem outro direito além do pagamento da soldada, e aos quaes póde intimamente e claramente despresar.

Um bom patrão reconhece que todo o homem é seu semelhante, um membro da grande corporação que se chama humanidade e que, n'essa qualidade, o estima e respeita, seja qual fôr a escala social em que o encontre. Sabe o bom patrão que, n'este momento, uma ideia que se espalha e cresce de dia para dia, tende a relacionar todos os homens entre si; que alguma cousa de novo se funda; que uns e outros nos auxiliaremos a subir mais alto; que é chegado o momento de começar emfim a realisar a grande palavra pronunciada ha desoito seculos, palavra tão pouco comprehendida até hoje.

Nem todos careciam das revelações da philosophia para comprehender quanto amôr e soccorro merecem os desherdados.

Anteciparam-se os naturaes impulsos do coração aos progressos da moral. Mas quantos ha que ainda conservam preconceitos antigos e crueis?! Cuidam ainda que a humanidade deve ser dividida por castas, e — Deus e os homens lhes perdoem! — pronunciaram esta blasphemia: «A escravatura tinha alguma cousa de bom.»

Mas esses egoistas e orgulhosos destoam já no concerto de caridade e de solidariedade universaes que se levanta; assistem, sem vêr, ao triumpho do principio scientifico e philosophico que estabelece que a humanidade é um immenso ser, cujas partes são egualmente preciosas e necessarias.

Ás pessoas vaedosas, duras, insolentes e inclementes, não assiste o direito de contar com a dedicação nem com a probidade dos seus creados, a não ser que estes pratiquem essa ultima virtude por um sentimento de dignidade pessoal... o que algumas vezes succede.

Pelo contrario, um homem generoso, de espirito recto e coração justo, inspirará aos seus servos sentimentos de sympathia, de dedicação e de honra. Este patrão conhece quanta indulgencia deve áquelles para quem a natureza foi menos prodiga. Sabe que só pela paciencia se adquire a felicidade, que deveres de iniciação no bem impõe uma intelligencia ou uma educação superior, como se deve compartilhar com os outros os seus dons e os seus bens. E os servos, ainda que obscuramente entrevejam as qualidades do patrão, respeitam-n'o e tratam de lhe seguir o exemplo.

O circulo d'acção, d'influencia d'um só homem não poderá nunca — a menos que Deus o não fizesse um genio — ser bastante extenso; mas se cada qual fizesse em volta de si o bem de que é capaz, abstendo se egualmente de praticar o mal, a humanidade terrestre salva realisaria, n'essa hora, o plano divino.

Que cada um na sua pequena esphera de familia ponha em pratica o grande pensamento de fraternidade. Não se considerem os creados como bestas de carga, nem como escravos, nem sequer como seres inferiores que a necessidade obriga a supportar. Consideremol-os como amigos quando mereçam a nossa estima, e como membros da familia.

É preferivel escolher creados *novos*, que facilmente se educam, ou acceitar os que sahem de casas onde os consideram. Deve sempre receiar-se de dar entrada a scepticos, a pessimistas, que estão persuadidos — á custa de uma triste experiencia — de que os pátrões não merecem nem dedicação, nem affecto.

UMA RECEITA

Liquido epilatorio. Senhoras ha, em que o buço toma proporções contrarias á graça e encanto que habitualmente dá á physionomia. Preferem por isso libertar-se d'elle.

A melhor formula para esse effeito vem-nos do Oriente, onde tem o nome de *rusma*.

Fervem-se 30 grammas de cal com 15 de sulfureto de arsenico em 500 grammas de lixivia alcalina (solução de carbonato de soda) até concentração tal, que uma penna mergulhada no liquido ahi perca as suas barbas. Applica-se este liquido sobre a parte em que se quer actuar, refrescando a a miudo com agua morna. E era uma vez um buço.

UM MENU POR SEMANA

Consommé purée de tomates au riz
Turbot à la Bretonne
Filet de boeuf à la Lyonnaise
Pigeons aux petits pois
Agneau roti
Petites fèves nouvelles à la crème
Macédoine de fruits
Sorbets au marasquin

CONSULTORIO DO DR. BRUMMEL

Dois homens da sociedade cortam relações. Qual a attitude de cada um perante a mulher do outro?

O caso não é tão simples quanto á primeira vista parece e tem já dado logar a desaguisados serios.

Effectivamente ha pessoas que julgam dever separar nas dissidencias entre homens as primitivas relações da sociedade com as respectivas consortes, sob esta razão vaga — de que não tem nada uma cousa com outra. — E, muitas vezes, é a falta de discripção de certas senhoras que determina a situação equivoca, por exemplo, de um marido que n'uma sala se não póde approximar de sua mulher, porque precisamente n'esse momento, ella muito naturalmente entabolou conversa com aquelle com que elle marido tem as relações cortadas. E ás vezes, sabe Deus tambem as ancias em que o conversado está tambem por se vêr livre de tão indiscreta palestra!

Não é, pois, inutil adoptar um cathecismo que regule a situação de um homem perante a esposa d'aquelle com quem acaba de cortar relações.

A attitude dos homens n'estas condições, cada um em relação á mulher do outro, resume-se nos seguintes artigos:

1.° Evitar os encontros, a proximidade.

2.° Na rua, affectar não a vêr, mas descobrir-se, se elle vier em companhia de pessoa que a cumprimenta.

3.° N'uma sala, em circulo intimo, em cumprimento de entrada ou sahida ás pessoas proximas, baixar a cabeça.

4.° Em circumstancia alguma lhe dirigirá a palavra para a cumprimentar ou encetar conversa, como egualmente deve evitar que ella por indiscripção o faça.

5.° Mas todas as regras teem excepção. Assim, se a vir prestes a afogar-se, é-lhe permittido e recommendado, mesmo nas barbas do esposo, agarral-a por onde fôr possivel para a trazer a porto de salvamento, succeda o que succeder.

EPHEMERIDES SEMANAES

1 — Recepção de gala no Paço das Necessidades.

2 — Abertura das côrtes.

Recita de grande gala no theatro de S. Carlos.

Rebenta uma bomba no jardim do sr. Conde da Folgoza.

3 — É cantada em S. Carlos a *Somnambula*, sendo enthusiasticamente victoriada a gentil cantora Regina Pacini.

Realisa-se o primeiro leilão dos objectos que pertenceram ao rei D. Fernando.

4 — Na Associação Commercial são distribuidos premios pecuniarios aos alumnos do Instituto Industrial e Commercial Alfredo da Silva e José Mathias da Silva Amado.

Sua Magestade a Rainha, sr.ª D. Maria Pia, institue um premio annual de 1:000$000 rs. para os operarios que mais se distinguirem nas diversas officinas do Arsenal de Marinha.

Regina Pacini é recebida no Paço das Necessidades por sua Magestade a Rainha.

Realisa-se no hotel Bragança um banquete offerecido ao distincto professor hespanhol Sanchez de Moguel. Assistem ao banquete os srs. Conde de Casal Ribeiro, Pinheiro Chagas, Oliveira Martins, Antonio Candido, Thomaz de Carvalho, Bernardino Machado, Eduardo Burnay, Agostinho d'Ornellas, Carlos Bocage, Barão de Hortega e Brito Aranha.

Sir George Petre, antigo ministro d'Inglaterra em Lisboa, entrega a S. M. El-Rei as suas recredenciaes.

5 — Suas Magestades El-Rei e a Rainha sr.ª D. Maria Pia visitam o Arsenal do Exercito, assistindo a uma fundição de canhões.

Continua no Paço das Necessidades o leilão dos objetos, pertencentes ao rei D. Fernando.

Realisa-se uma sessão da Academia Real das Sciencias, presidida pelo sr. dr. Theophilo Braga. É proposto socio correspondente o sr. Sanchez de Moguel, membro da Real Academia de Madrid.

6 — Realisa-se a solemnidade dos Santos Reis na capella do Paço das Necessidades, com a assistencia de Suas Magestades e das pessoas da côrte.

El-rei embarca, ás tres horas da tarde, a bordo do *yacht Amelia* e parte para Villa Franca, onde vae caçar.

7 — É publicada em ordem do exercito a nova organisação da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar.

Na sessão da camara dos dignos pares o sr. Franzini exige em termos vehementes a publicação do relatorio da syndicancia á Companhia Real dos Caminhos de Ferro.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

S. Carlos

O mais importante acontecimento theatral da semana foi a reapparição da Regina Pacini em S. Carlos.

O publico de Lisboa que, ha cinco annos, assistira á sua estreia, conhecia, pelas informações dos jornaes, a impressão que ella causára nos theatros estrangeiros. Em Londres, em Moscow, em Madrid e n'outros theatros de Hespanha, Regina Pacini foi logo equiparada ás maiores celebridades lyricas.

Faziam-se confrontos com os mais conceituados sopranos ligeiros, e, d'entre Emma Nevada e Seembrich, o nome de Regina Pacini sahia glorioso, e era a gentil prima-dona indicada como a unica successora de Adelina Patti.

Os *dilettanti* do theatro de S. Carlos tiveram occasião de verificar que não eram exaggeradas as apreciações da critica estrangeira.

A representação da *Somnambula* foi um verdadeiro acontecimento artistico. Desde que Regina entrou em scena até que o panno desceu sobre o ultimo acto, a mais expontanea, mais calorosa e mais enthusiastica ovação que se póde fazer a uma artista, fel-a o publico de S. Carlos á sublime cantora.

E todos aquelles bravos, todas aquellas palmas que se repetiam a cada passo, durante o decurso da opera, não eram só uma manifestação de sympathia á compatriota illustre, eram principalmente uma homenagem prestada ás excepcionaes e brilhantes qualidades da cantora.

Não se canta hoje melhor, e não sabemos de quem hoje cante tão bem!

Quando Adelina Patti ouviu pela primeira vez cantar Regina Pacini, applaudiu-a com fervôr, offereceu-lhe um lindo ramo de camelias, e disse:

— Esta creança, que hoje conserva ainda todas as hesitações de uma principiante, tem uma carreira brilhantissima. É ella que me ha-de succeder.

A famosa e divina cantora disse a verdade. E como não devia Regina ser o que hoje é, se o seu futuro lhe foi previsto por uma tal pythonissa?

*

A companhia conta, além de Regina Pacini, dois artistas de primeira plana: Arkel e Masini.

O famoso tenor era já nosso conhecido. Todos se recordavam ainda, quando elle appareceu em scena, das noites gloriosas em que elle com Patti e com Cotogni cantava o *Barbeiro de Sevilha*. Pois, apesar de haverem decorrido seis annos, Masini volta o mesmo. Parece que o tempo respeita estas organisações privilegiadas, e não exerce para com ellas a crueldade que teve para com a rosa de Malherbe, que viveu apenas *l'espace d'un matin*.

É o mesmo artista encantador, com uma voz adoravel e repassada de todo o sentimento.

A sr.ª Arkel é uma das mais notaveis interpretes da musica wagneriana. Cantou o *Lohengrin*, e fel-o de um modo tão correcto, com uma tal intensão dramatica, com uma tão completa comprehensão da escola allemã, que o publico ficou logo convencido do grande valor artistico da cantora.

Applaudiu-a muito, com sinceridade e com enthusiasmo. Ás qualidades de cantora reune a sr.ª Arkel os dotes physicos que a recommendam na interpretação de certos personagens. É alta, elegante, formosa, com uma physionomia intelligente e sympathica, sabendo insinuar-se pela graça e pela distincção das suas maneiras.

O publico, que a apreciou no *Lohengrin*, espera ouvil-a cantar n'outras operas, para de novo lhe assignalar o seu trabalho com a mesma ovação, com que a acolheu na noite da sua estreia.

A sr.ª Amelia Sthall não desmereceu do conceito em que era tida, quando, ha quatro annos, cantou pela primeira vez no nosso theatro lyrico. No *Lohengrin* e na *Gioconda* revellou mais uma vez os seus excellentes predicados de artista.

Hoje deve ella cantar a *Carmen*. É esta formosa opera de Biset uma d'aquellas que lhe tem proporcionado maiores triumphos.

*

D. Maria

Na quarta-feira inauguraram-se as recitas de assignatura, subindo á scena o *Kean*, em que o actor Brazão tanto se distingue pela maneira verdadeiramente notavel por que interpreta o papel do protogonista.

A esta recita assistiram Suas Magestades e Sua Altesa e muitas familias da nossa sociedade elegante.

Na quinta-feira representou-se pela primeira vez a comedia em cinco actos *Tio Milhões*, de E. Henbe, traduzida do allemão pelo sr. Accacio Antunes.

A peça foi muito bem recebida pelo publico e pela critica, e o desempenho foi primoroso, principalmente por parte de Rosa Damasceno e de Augusto Rosa.

Nos outros theatros e nos circos deram-se, durante a semana, espectaculos já conhecidos.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. S. Paulo, 60

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1